

## **TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO DE MULHERES INSERIDAS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA EM VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA**

GT 05 - EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS, EDUCAÇÃO DO CAMPO E MOVIMENTOS SOCIAIS

Rosane Silva de Jesus<sup>1</sup>  
Nubia Regina Moreira<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo é resultado de uma de pesquisa qualitativa realizada com mulheres inseridas na modalidade Educação de Jovens e Adultos-EJA, entre os anos de 2016 e 2017 em uma escola Estadual do Município de Vitória da Conquista, Bahia. O contato com as minhas informantes ocorreu no período de realização da observação e monitoria requisitos das práticas do estágio de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. A pesquisa problematizou a articulação entre a desigualdade sócio educacional e a trajetória de escolarização das mulheres inseridas na EJA. Como escolha teórica nos apoiamos na sociologia da educação de orientação bourdieusiana e aos debates que entrelaçam estudos de gênero e educação. Os resultados apontam que as mulheres estão mais presentes nos bancos escolares, porém, são mais propensas a desistirem de suas trajetórias escolares do que os homens, já que são mais constrangidas às demandas do mundo doméstico e do trabalho.

**Palavras-chave:** Desigualdade sócio educacional. Educação de Jovens e Adultos. Trajetória de mulheres.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Participa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Práticas Educativas em Espaços Educacionais - GEPPE (UESB). [rosejesustigre@gmail.com](mailto:rosejesustigre@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília-UnB (2013). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Práticas Educativas em Espaços Educacionais - GEPPE (UESB). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail [nmoreira2@gmail.com](mailto:nmoreira2@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O processo de escolarização tem se caracterizado como um processo que as variáveis gênero/raça/renda apresentam a forma diferenciada que marcam as trajetórias dos grupos sociais. A ação educativa pela qual passaram os primeiros habitantes do país remete-se a uma violência simbólica situada na classe, raça e gênero — herança de um passado colonial e escravocrata. Uma vez que o processo de escolarização no Brasil foi historicamente excludente, sobretudo quanto aos índios, negros e as mulheres.

As desigualdades de gênero impactam diferentemente a vida das mulheres e homens no ambiente doméstico e no acesso a escolarização e, conseqüentemente, no mercado de trabalho. Mesmo diante das dificuldades impostas às mulheres em seu acesso ao mundo público, a insistência das mulheres em se escolarizarem tem favorecido ampliação e participação das mulheres nas instituições e espaços públicos.

Porém, as mudanças ocorridas acerca das relações de gênero na sociedade ou na escola ainda não mobilizaram as condições sociais na perspectiva de reverter um posicionamento intrafamiliar que favoreça condições que permitam às mulheres disputarem igualmente entre os homens as oportunidades de escolarização e profissionalização. As imposições do mundo doméstico ou do trabalho vão impedindo suas chances de promoção profissional e educacional.

Ainda que as mulheres tenham, possibilidades de escolhas diminuídas com relação aos homens e tiveram os seus direitos educativos negados, por fatores econômicos ou intrafamiliares, elas têm retomado os estudos no Ensino Médio.

Para melhor organização do texto no primeiro tópico discutiremos nossa experiência no lócus de pesquisa; em seguida, mostraremos brevemente um breve histórico da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil e as nossas percepções no campo. Por fim, apresentaremos as conclusões.

## DESIGUALDADE SÓCIO-EDUCACIONAL E GÊNERO

Devido ao próprio processo de socialização direcionado às mulheres, primeiramente com o ajustamento das atividades estudantis, e depois das profissionais com a obrigatoriedade explícita e implícita com as tarefas domésticas, em geral as mulheres priorizam a inserção ao mercado de trabalho e adiam os estudos. Para as mulheres pobres as desigualdades sócio

educacionais se apresentam quando durante a escolarização tardia como um traço, por exemplo, do não domínio de *código elaborado*<sup>3</sup>, o que dificulta a inserção e a permanência na escola, cujo espaço privilegia aqueles que têm melhor desempenho escolar, porque é o espaço por excelência da abstração, do código elaborado. Como afirma Bernstein, sobre a localização e distribuição dos códigos,

Quanto mais simples a divisão social do trabalho e quanto mais específica e local a relação entre um agente e sua base material, mais direta será a relação entre os significados e uma base material específica e maior será a probabilidade de um código restrito. Quanto mais complexa a divisão social do trabalho e quanto menos específica e local a relação entre um agente e sua base material, mais indireta será a relação entre os significados e uma base material específica e maior será a probabilidade de um código elaborado (BERNSTEIN, 1990. p. 154).

Quanto mais amplo o repertório cultural dos/das estudantes, maior será a probabilidade de se inserirem, menos particularistas e locais, independentes do contexto. Temos um sistema educacional que determina um período de tempo na escola, no caso da Educação Básica que é o primeiro nível do ensino escolar no Brasil, são três etapas: a educação infantil (para crianças com até cinco anos), o ensino fundamental (para alunos de seis a 14 anos) e o ensino médio (para alunos de 15 a 17 anos). E para isso, a/o estudante deve alcançar uma média de notas para que tenha êxito. Sendo assim, como ficam as mulheres jovens e adultas que buscam escolarizar-se fora desse padrão?

A pesquisa em lócus deu-se durante o Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais em uma instituição que oferece a modalidade Educação de Jovens e Adultos em Vitória da Conquista, Bahia. A mediação ocorreu nas aulas de Sociologia em uma turma do 3º Tempo Formativo (correspondente ao Ensino Médio). Tempos Formativos são cursos de matrícula anual, nos quais as aulas são presenciais e exigem frequência diária. O currículo é organizado em eixos temáticos, temas geradores e áreas de conhecimento. O centro do processo de formação são as experiências de vida e estratégias de sobrevivência dos/das estudantes jovens, adultos e idosos. O curso total é composto de três (03) segmentos distribuídos ao longo de sete (07) anos: o 1º Tempo Formativo (equivale ao 1º segmento da educação fundamental); o 2º Tempo Formativo (equivale ao 2º segmento da educação fundamental); e o 3º Tempo Formativo (equivale ao

<sup>4</sup> Segundo BERNSTEIN (1990, p. 136), são “códigos restritos, em termos de significados particularistas, locais, dependentes do contexto e, no caso dos códigos elaborados, em termos de significados universalistas, menos locais, mais independentes do contexto”.

Ensino Médio). A escola é considerada de pequeno porte, situada na Zona Oeste de Vitória da Conquista, Bahia, num bairro residencial, e que recebe jovens e adultos estudantes de vários bairros do entorno.

Embora, sejam fatos singulares de uma análise microssociológica, as narrativas dessas mulheres corroboram com a discussão sobre desigualdade de classe, raça/etnia e gênero, tendo como base a dimensão macrossociológica, a partir da teoria de Pierre Bourdieu (1975).

Considera-se que a relação de gênero se manifesta de forma desigual entre homens e mulheres, no que se refere à desigualdade construída socialmente entre homens e mulheres na sociedade, nos âmbitos domésticos, escolar e profissional. Diante disso, optamos por abordar a relação de gênero na escola, especificamente na modalidade EJA, isso não quer dizer, pois, que os homens também não sofrem de tal desigualdade a partir dos marcadores de classe, raça e gênero. Contudo, verificamos que as mulheres são mais desistentes da escola do que os homens, por demandas intrafamiliares e do trabalho (CAMARGO, 2012).

Considerando a construção social e histórica da categoria gênero, tomando como base uma das análises cunhada por Louro (1994, p. 35) em que, para a autora, “há diferentes construções de gênero numa mesma sociedade e em contextos históricos diferentes, ou seja, o gênero tem história e o feminino e o masculino se transformam histórica e socialmente”. Gênero também é a forma como são percebidas as relações entre homens e mulheres e as dissonâncias que são construídas socialmente, ou da relação de dominação do masculino sobre o feminino, do feminino sobre o feminino, do masculino sobre o masculino, a depender das configurações políticas e de poder em que os sujeitos estão inseridos.

Ao falar sobre gênero é necessário especificar a tríade sexo, corpo e gênero (SANTOS, 2017), porém, sem desconsiderar a importância em detalhar a especificidade de cada um. Nossa discussão se atém à desigualdade construída socialmente entre homens e mulheres na sociedade, em especial relacionada a gênero e educação.

As primeiras reivindicações feministas pela educação e pelo direito ao voto feminino são registradas a partir do período republicano (1889-recentemente), foi nesse período também, como afirma Almeida (1998), que as conquistas femininas ao final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, demarcam a trajetória da mulher brasileira na educação resultante da saída da mulher do âmbito privado para a atuação no espaço público.

Do fim do século XIX até as primeiras décadas do século XX, mudanças socioeconômicas ocasionadas pela implantação do regime republicano no país, pelo processo de urbanização e industrialização, pelas duas guerras mundiais e seus efeitos nas mentalidades da sociedade da época, pelas conquistas tecnológicas representadas pela difusão dos meios de comunicação, coincidiram com a eclosão das primeiras reivindicações do feminismo que, nos países onde chegou, atingiu várias gerações de mulheres, ao alertar para a opressão e para a desigualdade social a que estiveram até então submetidas (ALMEIDA, 1998, p. 26-27).

Ressalta-se que ao longo da história brasileira, desde a colonização à República, não se dava quase ou nenhuma importância à educação feminina. A mulher era relegada exclusivamente ao confinamento doméstico. Apenas um restrito público feminino que podia pagar professores particulares para o acesso à educação, nesse momento tinha-se o objetivo de ensinar as prendas domésticas visando principalmente a preparação das meninas para o casamento. (Almeida *apud* Quadros, 2017).

No período de observação em sala, necessitamos conhecer melhor o perfil das estudantes da EJA nessa escola. Após o estágio de observação e regência, aplicamos um questionário socioeconômico semiestruturado composto por questões abertas e fechadas como: faixa etária, sexo, estado civil, raça/etnia, religião, características familiares (se tem ou não filhos, com quem mora), situação socioeconômica, motivação para o estudo, qual parte da cidade mora, se pertenceu a alguma comunidade (indígena, Quilombola, rural), tempo de escolaridade dos pais/mães, ocupação e profissionalização, opinião sobre a qualidade do ensino, disposições sociais e orientações políticas. Indagamos às entrevistadas: quais suas principais dificuldades para continuar estudando? Quais são suas motivações e suas expectativas com relação à educação?<sup>4</sup>. Percebemos que a maioria é composta de trabalhadoras como domésticas, sem assinatura Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) e de manicure e revendedora, atividades informais. Diferentemente dos homens, que majoritariamente são empregados no comércio local e em grande parte têm a CTPS assinada<sup>5</sup>.

Ao mesmo tempo, possuem um perfil bastante diverso, porém, são características comuns: origem social, herança escolar familiar e experiência profissional. Consideramos a diversidade de idade, estado civil, ocupação e religião, assim como suas trajetórias escolares, que geralmente apresentam fluxos fortemente desiguais por intermitências e interrupções por

<sup>4</sup> Ver: Apêndices, para consultar o roteiro de entrevistas.

<sup>5</sup> Ver: Anexos: dados brutos do questionário socioeconômico.

múltiplos motivos, extraescolares e escolares<sup>6</sup>. A escolarização dos pais é baixa e as mães em sua maioria não tiveram acesso ou não terminaram o Ensino Médio. Trajetória diz respeito à forma singular do agente percorrer no espaço social mediante tanto as imposições internas ao campo quanto as externas.

Toda trajetória social deve ser compreendida como maneira singular de percorrer o espaço social onde se exprimem as disposições do habitus; cada deslocamento para uma nova posição implica a exclusão de um conjunto mais ou menos vasto de posições substituíveis e, com isso um fechamento irreversível do leque dos possíveis inicialmente compatíveis, marca uma etapa de envelhecimento social que se poderia medir pelo número dessas alternativas decisivas, bifurcações da árvore com incontáveis galhos mortos que representa a história de uma vida. Assim, pode-se substituir a poeira das histórias individuais por famílias de trajetórias intrageracionais no seio do campo da produção cultural (BOURDIEU, 1996, p. 292-293).

Pensar sobre sua biografia dentro da sociedade é também um dos objetivos do Ensino da Sociologia para as/os jovens e adultos/as da EJA. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação, “Um papel central que o pensamento sociológico realiza é a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais”, de modo que “[...] só é possível tomar certos fenômenos como objeto da Sociologia na medida em que sejam submetidos a um processo de estranhamento...” (BRASIL, 2013, p. 105-106). Discutir a desigualdade de gênero na EJA se faz necessário, uma vez que a instituição escolar é também o espaço social para a formação de homens e mulheres, e, no qual, é atravessado pelas representações de gênero (LOURO *apud* BASTOS, 2000).

## **GÊNERO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL**

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil é resultado de uma intensa mobilização social ao longo do século XX, tendo como frente reivindicadora os movimentos sociais, principalmente de educação popular, que foram grandes impulsionadores para que essa demanda se convertesse em problema social e se transformasse em uma política pública. Após a Constituição Federal de 1988, a EJA foi garantida com sua ratificação como uma modalidade de ensino diferenciada garantida pela LDBEN, que em seu Art. 37. “Assegura

<sup>8</sup> Motivos extraescolares, como a pobreza e o ingresso precoce no mercado de trabalho, e o abandono da escola por fatores escolares, ou seja, devido a uma trajetória escolar marcada pelo fracasso, com reprovações sucessivas, o que acaba desestimulando-as e levando-as, então, a abandonar a escola.

que a Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria” (BRASIL, 2013, p. 347).

Escolarizar a população que não frequentava a escola tornou-se uma preocupação concreta a partir da década de 1920. Uma vez que os baixos índices educacionais do país quando comparados aos países da América Latina quanto a outros países do mundo, bem como, o processo de urbanização e industrialização. A fim de viabilizar a criação de uma política efetiva que erradicasse o analfabetismo no país. O sistema político e econômico, até os anos 1930, reforçava os interesses das oligarquias regionais que buscavam por reafirmar a nação.

Nesse período, a participação estatal na economia era mínima e a preocupação em escolarizar a população, também; houve uma necessidade de adequar-se ao processo de modernização do país, que é marcadamente segmentado, com setores industriais modernos convivendo com setores tradicionais e com a economia agrário-exportadora.

A educação destinada a jovens e adultos recebe especial atenção ao final da década de 1940, impulsionado pelos acontecimentos internacionais, advindos da 2ª Guerra Mundial e da criação da UNESCO em 1945, que denunciava ao mundo o problema da desigualdade entre os países e alertava quanto ao papel da educação, em especial a de jovens e adultos, como preponderantes no desenvolvimento das nações marcadas pelo “atraso” (HADDAD e DI PIERRO, 2000).

As políticas de educação se firmaram de fato com o processo de redemocratização do país, nos anos 1980 e 1990, que passados 20 anos de ditadura militar, instituiu a Constituição cidadã de 1988, garantindo os direitos sociais em seu Art. 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família (...) inciso IV, oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando” (BRASIL, 2013, p. 60). Esses direitos foram resultantes da mobilização da sociedade civil, que reivindicou também o reconhecimento dos jovens e adultos como sujeitos de direitos à educação, antes restrita às crianças e adolescentes. Entretanto, “o direito à educação, à igualdade de condições para acesso e permanência na escola e à igualdade entre os sexos”, como traz Nogueira (2001, p. 4) “expressos na Constituição Federal vigente, por si só não garantem aos sujeitos a inserção e a permanência escolares”.

A EJA contribuiu para a escolarização de pessoas jovens e adultas que não tiveram uma adequada correlação idade/ano escolar em sua trajetória escolar e nem possibilidade de continuar os estudos (CAMARGO, 2012). Ressalta-se também, que o/a adulto (a) ao retomar os estudos, não está apenas em busca de apreender conteúdos programáticos, como também vivenciam diferentes sociabilidades, valores, atitudes e processos de comunicação.

Porém, identificamos que não é comum a escola incorporar os saberes fora da sala de aula, uma vez que os “[...] saberes e conhecimentos produzidos fora da escola têm pouca chance de serem considerados”, como afirma Paiva (2006, p. 520), “pois são sistematicamente negados em situação de aprendizado da leitura e da escrita”. Diante dessa premissa, o professor em uma sala de EJA precisa ter o cuidado para não pressupor um trajeto único, e sim propor alternativas que ampliem o seu repertório a partir de uma metodologia diferenciada de ensino que atenda às necessidades educativas desse público, sem que isso, não negligencie os conteúdos.

Percebemos em campo, alguns aspectos como o problema de infraestrutura, a falta de professores instrumentalizados para o ensino da EJA, bem como o ensino de Sociologia. Outra questão é a ausência de um eixo que dedique ao campo da EJA nas licenciaturas, pois a falta de preparação para as especificidades dessa modalidade de ensino contribui para a permanência do modelo compensatório de ensino. Como afirma Nogueira (2002, p. 5), ela “Implica, também, na revisão de discursos e práticas, na tentativa de construir uma educação de jovens e adultos que supere a pedagogia estereotipada e infantilizadora, ainda presentes.” A EJA é uma modalidade de ensino que abrange pessoas com trajetórias de escolarização distintas que não estão apenas buscando uma certificação para o trabalho.

Diante disso, Soares (2011, p. 308) chama à atenção em sua pesquisa sobre o posicionamento de professores e coordenadores quanto “as características da formação desses educadores, diz respeito às necessidades, aos desejos e aos limites dos educandos”. A principal queixa que percebemos no campo escolar, evidenciada pelas estudantes da EJA e que afirmamos de antemão, é sobre a qualidade do ensino. Elas reivindicam um ensino de qualidade que possibilite a ampliação do seu repertório para disputarem oportunidades tanto educacionais quanto profissionais. Segundo Paiva sobre as concepções de alfabetização e escolarização na EJA, “[...] pela forma como os educadores se formaram, crendo que, porque ensinam, os sujeitos aprendem. Quando estes não aprendem, ‘a culpa’ atribuída aos próprios sujeitos, exime professores da responsabilidade” (PAIVA, 2006, p. 520). De tal modo, a



organização dos conteúdos, os métodos de ensino e os procedimentos de avaliação são imprescindíveis. Como indica as Diretrizes Nacionais para a Educação Básica (2013):

O planejamento educacional, assim como o currículo e a avaliação na escola, enquanto componentes da organização do trabalho pedagógico, estão circunscritos fortemente a esse caráter de não neutralidade, de ação intencional condicionada pela subjetividade dos envolvidos, marcados, enfim, pelas distintas visões de mundo dos diferentes atores do processo educativo escolar. Desse modo, o trabalho pedagógico define-se em sua complexidade, e não se submete plenamente ao controle. No entanto, isso não se constitui em limite ou problema, mas indica que se está diante da riqueza do processo de formação humana, e diante, também, dos desafios que a constituição dessa formação, sempre histórica, impõe (BRASIL, 2013, p. 180).

A distância entre capital cultural dos/das estudantes procedentes das diferentes classes sociais e o capital cultural escolar é uma das dificuldades dos estudantes na apreensão dos conteúdos escolares. A escola é o espaço em que o capital cultural dos sujeitos é posto à prova, ou seja, a distância que separa os sujeitos do domínio prático da língua materna e do “domínio erudito da língua erudita” (BOURDIEU, 1970, p. 81). O capital cultural é o legado econômico da família e é na escola que a origem social se manifesta, já que uma especificidade do sistema educacional brasileiro “está estruturado com base numa forte segregação econômica” (ALMEIDA, 2007, p. 1). Ainda assim, as mulheres jovens e adultas estão voltando para a escola para concluírem o Ensino Médio, esse é um dos impedimentos para concorrerem oportunidades profissionais e educacionais, como, processos seletivos.

A partir das entrevistas, podemos perceber entre as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres para acessar e permanecer na escola como, dificuldade financeira, conjugalidade (ser casada) e trabalho remunerado.

Dentre as estudantes inseridas na EJA do Centro Educacional Baiano<sup>7</sup> em Vitória da Conquista, três estudantes se dispuseram a colaborar com a nossa pesquisa. O nosso critério de escolha foi com base nas experiências escolares não lineares e que as estudantes nos fornecessem informações sobre suas trajetórias escolares, a fim de identificarmos o problema da desigualdade sócio-educacional em seus fluxos educacionais.

As três estudantes responderam ao nosso questionário socioeconômico e utilizamos a entrevista semiestruturada com perguntas iguais para cada uma, sobre origem familiar e herança escolar familiar. Os nomes verdadeiros das estudantes entrevistadas, bem como da

<sup>9</sup> Denominamos esta escola pelo nome fictício de Centro Educacional Baiano.

escola a qual realizamos o estágio e fizemos as entrevistas, estão preservados conforme orientação do Comitê de Ética em Pesquisa — CEP/UESB.

Deste modo, as estudantes que aceitaram colaborar com essa pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo assim a autorização para gravação e posterior transcrição das conversas. Elas serão apresentadas como Zélia, Ana e Andressa — nomes fictícios para preservar a identidade das mesmas e o sigilo. Ana e Andressa se autoclassificam como pardas e Zélia, como negra. Ana e Zélia realizam trabalho remunerado informal, perfazendo uma renda média com a qual se sustentam que é de um salário mínimo. Ana é separada, mãe de dois filhos, um de 15 anos e o outro de 7 anos. Ela trabalha como manicure e faz um curso particular de técnico em enfermagem concomitante com a modalidade. Zélia é solteira, não tem filhos, é cuidadora de idosos, também faz um curso particular de técnico em enfermagem concomitante com a EJA. Andressa possui Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) assinada, é solteira, não tem filhos e trabalha como vendedora em uma loja de confecções. Abaixo o quadro com o perfil das entrevistadas:

Nome	Idade	E. Civil	Religião	Ocupação	CTPS assinada	Nível de renda	Escolarização dos pais	Objetivos
ZÉLIA A	38	Solteira	Católica	Cuidadora de idosos	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	<b>Pai:</b> Não alfabetizado; <b>Mãe:</b> Não alfabetizada.	Fazer concurso e cursar faculdade de enfermagem
ANA	35	Separada	Sem religião	Manicure	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	<b>Pai:</b> Não alfabetizado; <b>Mãe:</b> Ensino fundamental incompleto.	Cursar faculdade de enfermagem
ANDRESSA	22	Solteira	Evangélica	Vendedora	SIM	Até 1 salário mínimo federal	<b>Pai:</b> Ensino Superior completo; <b>Mãe:</b> Ensino Médio incompleto.	Cursar faculdade de Administração

O deslocamento gerado pela presença dessas mulheres aqui citadas é agregado por uma dimensão macro, sendo que entre as reivindicações mais correntes está o ensino público de qualidade que permita acompanhar o currículo de forma plena, que as preparem para a complexidade das relações sociais e principalmente oportunidades no mercado de trabalho.

Sabemos que na escola a distribuição do bem escolar é desigual entre meninos e meninas, pois “[...] as crianças, adolescentes e jovens de sexo feminino não experimentam, com a mesma intensidade seus coetâneos de sexo masculino, uma socialização para o trabalho extra doméstico e a convivência na rua” (ROSEMBERGUE, 1994, p. 9).

Possivelmente essa socialização sexualmente diferenciada faça com que os homens ocupem espaços hierarquicamente superiores no mercado de trabalho (Ibid., ibidem). Entendemos ser necessário considerar que essas relações são marcadas pela desigualdade entre mulheres e homens e essa relação se reproduz e se perpetua também no ambiente escolar. Por isso, “Discutir gênero na EJA é importante, tendo em vista que a população que a ela acorre já esteve na escola em momento anterior e no retorno à sala de aula pode continuar encontrando dificuldades para nela se manter”. (CAMARGO, 2012, p. 159).

Percebemos durante a pesquisa que as mulheres inseridas na EJA em Vitória da Conquista buscam a escolarização quando já não lhes são impostas as demandas familiares como o cuidado de filhos, marido e dos afazeres domésticos. Como aparece na fala de Ana, que decidiu voltar para a escola depois de uma separação conjugal: “*Há males que vem ‘pra’ bem, porque talvez se eu tivesse casada ainda, eu ‘tava’ na minha mesma vidinha, lavando, passando, cozinhando, né?*” (Ana). Para as mulheres a conjugalidade (ser casada) e possuir filhos incide negativamente na igualdade de gênero (SCALON, 2009). Ainda que, de forma involuntária, o “doméstico” continua como o principal elemento de mediação na vida das mulheres, “Ao contrário dos homens”, como afirma Scalon (2009, p. 67), “as possibilidades de satisfação das mulheres, além dos imperativos externos próprios ao ‘mundo do trabalho’, são mediadas, também, por suas condições internas à família”. A qualificação profissional também é um dos fatores levam as mulheres a retornarem para a escola, em busca de disputarem melhores oportunidades no mercado de trabalho, elas vêm nessa escolarização como valor social e cultural às suas trajetórias.

A partir da inserção das mulheres no mercado de trabalho com o advento da modernização, ocorreram, “As mudanças nos estilos de vida de homens e mulheres, especialmente na fase de desenvolvimento pós-industrial, geram, também, transformações inevitáveis em termos de valores culturais” (SCALON, 2009, p. 68). As práticas do cuidado marcam caracterizando mulheres e homens de forma diferente com relação aos afazeres, tendo o cuidado como próprio do feminino, porém,

[...] os modelos de conciliação entre trabalho pago e vida familiar baseados na clássica dupla ‘homem provedor’ e ‘mulher cuidadora’ vêm sendo alterados em direção a um modelo dual, no qual as mulheres permanecem como principais cuidadoras, mas o trânsito entre o espaço doméstico e público é um dado contemporâneo (SCALON, 2009, p. 66).

Partindo do próprio princípio de igualdade e de que a educação é direito de todos e dever do Estado, já se constitui aí um fator de desigualdade de gênero entre homens e mulheres, porque tenta homogeneizar uma população constituída com trajetórias de oportunidades desiguais principalmente para as mulheres. Como afirma Joan Scott (1995), sobre a constituição histórica do gênero,

[...] O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” — a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens (SCOOT, 1995, p. 3).

Observamos que a maioria das mulheres inseridas na EJA possuem trajetórias escolares intermitentes, pois “A mulher pela sua condição histórica e social de inferioridade que lhe é imputada encontra grandes dificuldades em dar continuidade ao seu processo de escolarização” (CAMARGO, 2012, p. 161-162). Porém, contra isso, elas vêm cada vez mais ocupando todos os níveis educacionais (Ibid., ibidem). Conciliar o trabalho e o estudo faz também com que as mulheres desistam dos estudos, como afirma Andressa: “*Trabalhava o dia todo, aí chegava à noite e não tinha muito ânimo. Eu perdi um ano e no outro ano eu não estudei*”.

Em análise de como a mulher é apresentada nos documentos da EJA, principalmente nas DCNEJA — Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, propostos pelo MEC — Ministério da Educação (Brasil, 2000b) e nas DCE — Diretrizes Curriculares Estaduais — propostas pela Secretaria de Estado do Paraná (2006a), “Quando se refere às alunas, envolvem, além do cansaço relacionado com a dupla jornada de trabalho, questões que recaem sobre o casamento e a maternidade, dentre outros motivos.” (CAMARGO, 2012, p. 157). Quando perguntada sobre qual foi sua principal motivação a voltar estudar Ana explica: “*É, veio à tona a vontade de dar uma virada na minha vida, quando eu*

*me separei”*. Ou de valorização dos estudos, como aparece na fala de Zélia: “[...] *Porque às vezes uma pessoa com quarenta anos, acha que ‘tá’ velha, né, ‘pra’ aprender. Eu sou o contrário, já estou com quase quarenta, mas eu não quero parar, não*”.

No espaço escolar as mulheres têm a possibilidade de desenvolver novas sociabilidades. Nele ainda, produzem-se e reproduzem-se valores e sentidos. De acordo com Lahire, (1997, p. 59), “a escola não é um simples lugar de aprendizagem de saberes, mas sim, e ao mesmo tempo, um lugar de aprendizagem de formas de exercício do poder e de relações com o poder”. A sociedade brasileira é historicamente marcada pelo forte predomínio patriarcal que impediu as mulheres no passado se escolarizassem. Os dados contidos no site do IBGE (2016) apontam que 26,1% das mulheres jovens que não estudavam deixaram a escola para realizar afazeres domésticos ou cuidar de pessoas, sejam crianças, idosos ou pessoas com deficiência.

Em 2016, o país tinha 24,8 milhões de adolescentes e jovens de 14 a 29 anos de idade que não frequentavam escola, nem cursos de pré-vestibular, técnico de nível médio ou qualificação profissional. As razões mais frequentes foram: não frequentavam por motivo de trabalho, seja porque trabalhavam, estavam procurando trabalho ou conseguiram trabalho que iria começar em breve (41,0%); não tinham interesse (19,7%); e por ter que cuidar dos afazeres domésticos ou de criança, adolescente, idosos ou pessoa com necessidades especiais (12,8%). Além disso, 8,0% declararam já ter concluído o nível de estudo que desejavam e 7,8% disseram que faltava dinheiro para pagar as despesas. Em relação à dificuldade de acesso, 2,6% não frequentavam a escola porque não havia vagas ou escolas na localidade, ou porque a escola estava muito distante (BRASIL, 2016, *on-line*).

Historicamente, a trajetória feminina está permeada pela cultura do cuidado, devido ao próprio processo de socialização pelo qual passaram as mulheres em nossa sociedade, como assevera Almeida:

Na concepção que vigorou no mundo civilizado ao longo dos séculos, a culminância da existência feminina sempre se resumiu em amar, ser amada e cultivar-se para a vida em sociedade. Os anos iniciais do século XX continuaram mantendo essa tradição, apesar das indiscutíveis conquistas da ciência, do progresso da vida social e da ampliação do conhecimento humano (ALMEIDA, 1998, p. 32).

Observamos não só nas leituras sobre escolarização de mulheres como também nas falas de nossas entrevistadas que a questão do cuidado é muito presente no dia-a-dia das mulheres estudantes da EJA, como apontou a entrevistada, “*Desde pequena eu sempre tive que cuidar de tudo, porque minha mãe trabalhava fora e meu irmão foi trabalhar fora muito cedo, então*

só tinha eu “pra” cuidar”. (Ana). Para a maioria das mulheres das classes populares o cuidado com os afazeres domésticos e a família é algo que elas convivem desde crianças, por causa das condições financeiras de suas famílias, necessitando contribuir no cuidado da casa e dos irmãos mais novos.

Com relação à valorização do estudo pela da família evidenciou-se que principalmente as mães valorizavam muito a escola, mesmo não sendo escolarizadas e viam no espaço escolar como algo importante e que através dela suas filhas obteriam melhores oportunidades. Como ilustra a fala de Zélia: “[...] *Minha mãe principalmente, sempre! E, ela só fez até a quarta série, mas ela não queria a mesma coisa 'pra' gente*”. Como ressalta Lahire,

Aliás, é importante destacar que os pais, ao exprimir seus desejos quanto ao futuro profissional dos filhos, tendem, frequentemente, a desconsiderar-se profissionalmente, a “confessar” a indignidade de suas tarefas: almejam para sua progênie um trabalho menos cansativo, menos sujo, menos mal remunerado, mais valorizador que o deles (LAHIRE, 1998, p. 334).

As famílias que são fracamente dotadas de capital escolar, podem muito bem adotar e valorizar a experiência escolar dos filhos, como afirma Lahire (1997, p. 343), “Assim, em algumas famílias, podemos encontrar, inicialmente, uma escuta, ou um questionamento interessado dos pais”, “demonstrando, assim, para eles, que o que é feito na escola tem sentido e valor”. Isso se evidencia na fala de Zélia: “*Eu na verdade fui criada só por minha mãe. Meu pai foi embora cedo de casa e não apareceu até hoje. Minha mãe fazia o que ela podia né? Porque ela sendo analfabeta, ela sempre quis que a gente estudasse*”.

Contrariando as representações que supõem haver uma desvalorização da escola por parte de famílias em vulnerabilidade social, com pouco ou nenhuma escolarização, nas trajetórias escolares de nossas entrevistadas, suas famílias, em especial suas mães, não só valorizavam como empreendiam esforços com relação à escola para que suas filhas continuassem estudando, tanto na escolha dos estabelecimentos de ensino, no sustento financeiro, quanto nas práticas educativas para manterem as filhas na escola (SILVA; BATISTA; ALVES, 2014).

As mães das estudantes, mesmo sem terem acesso à educação, contribuiram para que suas filhas tivessem acesso à escola. Lahire (1998, p. 334) assevera sobre os pais e suas práticas educativas, “Também ficam atentos para que estes deitem cedo todas as noites que antecedem os dias de aulas e, algumas vezes, são extremamente prudentes com suas saídas e

suas amigadas”. Apesar da trajetória de escolarização das estudantes da EJA não ter existido acompanhamento escolar ou acesso a capital cultural, elas não diminuíram ou anularam suas perspectivas com relação à escolarização, ainda que finalizasse o Ensino Médio na idade adulta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse foi um desdobramento da pesquisa que investigou a relação entre desigualdade sócio educacional e gênero, dando ênfase a trajetória de escolarização de mulheres inseridas na EJA. Entendemos que poderão ser acrescentados alguns pontos que ainda não demos conta de discutir, como por exemplo, o fator idade, mercado de trabalho e fator idade versus mercado de trabalho e a questão da tradição e os dogmas religiosos que também não foram trabalhados em questão.

Pontuamos que o processo de escolarização da população brasileira, desde os seus primórdios excluiu homens e mulheres, pela sua condição de classe, raça e gênero, como os índios, negros e as mulheres, que ficaram à margem do processo de escolarização e os resquícios dessa desigualdade ainda perpassam as relações sociais atualmente.

Percebemos durante a pesquisa em campo alguns aspectos como o problema de infraestrutura, a falta de professores instrumentalizados para o ensino da EJA, bem como para o ensino de Sociologia. Os resultados do campo escolar confirmaram o pressuposto de que as mulheres estão mais presentes nos bancos escolares, porém, são mais propensas a desistirem de suas trajetórias escolares do que os homens, fatores como; dificuldade financeira, conjugalidade (ser casada) e trabalho remunerado, incidem negativamente na trajetória escolar das mulheres, já que são mais constrangidas às demandas do mundo doméstico e do trabalho.

Identificamos nas leituras que há uma ausência quanto ao monitoramento da qualidade do ensino ofertado nessa modalidade, os maus resultados de aprendizagem e os baixos níveis de conclusão, ficando evidente nas falas das entrevistadas a busca pelo ensino de qualidade para que as mesmas possam disputar as oportunidades educacionais e profissionais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. S. de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **M. Noção de capital cultural é útil para se pensar o brasil?** Site Academia.edu. 2018. Disponível em:  
<[http://www.academia.edu/20330935/A\\_NO%C3%87%C3%83O\\_DE\\_CAPITAL\\_CULTURAL\\_%C3%89\\_%C3%9ATIL\\_PARA\\_SE\\_PENSAR\\_O\\_BRASIL](http://www.academia.edu/20330935/A_NO%C3%87%C3%83O_DE_CAPITAL_CULTURAL_%C3%89_%C3%9ATIL_PARA_SE_PENSAR_O_BRASIL)>. Acesso em: 19/05/2018.



BASTOS, L. C. **Trajetórias Escolares Femininas na Educação de Jovens e Adultos**. Site da ALB. Disponível em: <[http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem02/COLE\\_257.pdf](http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem02/COLE_257.pdf)>. Acesso em: 14/05/2018.

BATISTA, H. H. de; ALVES, A. A. G.; ALVES, L. **Escola e Famílias de Territórios Metropolitanos de Alta Vulnerabilidade Social: práticas educativas de mães “protagonistas”**. Revista Brasileira de Educação, v. 19, n. 56, jan.-mar. de 2014, p. 123-253.

BERNSTEIN, B. **A Estruturação do Discurso Pedagógico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

BOURDIEU, P. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1975.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 2013.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Portal MEC. 2013. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 11/08/2017.

\_\_\_\_\_. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Portal MEC. 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_03\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf)>. Acesso em: 11 de agosto de 2017.

CAMARGO, J. S. **A Mulher nos Documentos da Educação de Jovens e Adultos e Adultas**. Revista Ártemis, v. 14, ago.-dez. de 2012, p. 155-163.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. **Escolarização de Jovens e Adultos**. In: Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 14, mai.-ago. de 2000, p. 108-130.

INEP divulga dados inéditos sobre fluxo escolar na educação básica. Censo Escolar (Brasil). Portal INEP. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/artigo/>>-

/asset\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206>. Acesso em: 14/05/2018.

LAHIRE, B. **Sucesso Escolar nos Meios Populares**. São Paulo: Ática, 1997.

LOURO, G. L. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero**. Revista Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 6, 1992, p.53–67.

NOGUEIRA, V. L.. **Mulheres Adultas das Camadas Populares: a especificidade da condição feminina no processo da busca de escolarização**. Site da ANPED. 2002. Disponível em: <25reuniao.aped.org.br/posteres/veralucianogueirap18.rtf>. Acesso em: 09/04/2018.

PAIVA, J. **Tramando concepções e sentidos para redizer o direito à educação de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 33 set.-dez. de 2006, p. 519-566.

**PNAD Contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam apenas o ensino fundamental completo**. Agência de notícias IBGE. 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/.../18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao->>. Acesso em: 16/03/2018.

QUADROS, A. de C. **A Trajetória e Desafios das Alunas do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2017.

ROSEMBERG, F. **Enfoques e Abordagens. Educação e Gênero no Brasil**. Revista PUC, São Paulo, v. 11, 1994.

\_\_\_\_\_. **Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo**. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v.9, n.2, 2001, p.515-540.

SANTOS, F. F. dos. **Revisitando as abordagens sobre corpo, gênero e sexualidade na educação de jovens e adultos em Jequié-Ba**. Dissertação. (Mestre em Educação Científica e Formação de Professores). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Jequié, 2015.

SCALON, C.; et. al. **Ensaio de estratificações**. Belo Horizonte: Argymentvm, 2009.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para a análise Histórica**. Recife: S.O.S Corpo, 1995.

## ANEXOS

### QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO SEMI-ESTRUTURADO

#### 1. PERFIL

1.2. Idade: \_\_\_\_\_ anos

#### 1.3. Qual sua etnia/cor:

( ) Branca ( ) Preta ( ) Amarela ( ) Parda ( ) Indígena

#### 1.4. Qual o seu estado civil:

( ) Solteira ( ) Casada ( ) União Estável ( ) Separação legal (judicial ou divórcio)  
( ) outro \_\_\_\_\_

#### 1.5. Caso possua filhos menores de 6 anos, quantos são?

( ) Um ( ) dois ( ) três ( ) quatro ( ) maiores de 6 anos ( ) não possui filhos

#### 1.6. Você nasceu em Vitória da Conquista ( ) sim ( ) não

#### 1.7. Você pertence ou pertenceu a:

( ) Zona rural ( ) Zona urbana ( ) Comunidade indígena ( ) Comunidade quilombola

#### 1.8. Qual parte da cidade você mora:

( ) Zona Oeste ( ) Leste

#### 1.9. Em relação à moradia.

Mora em casa própria  
Sim ( ) Não ( )

#### 2. Religião:

( ) Ateu ( ) Agnóstico ( ) Católico ( ) Espírita ( ) Evangélico-histórico ( ) Evangélico-pentecostal ( ) Evangélico neopentecostal ( ) Candomblecista ( ) Umbandista ( ) Judeu  
( ) Outra, qual? \_\_\_\_\_.

A região Oeste tem como principais vias as avenidas Alagoas, Pará e a Avenida Brumado (BA 262). BR 116 (Avenida da Integração no perímetro urbano).  
A Região Leste tem entre as principais vias as avenidas Régis Pacheco, Lauro de Freitas até a Olívia Flores.

#### 2.1. Religião. Você é praticante, ou seja, frequenta regularmente cultos religiosos?

( ) Sim ou ( ) Não

#### 3. Qual a renda familiar?

( ) Até 02 salários mínimos. ( ) 02 até 04 salários mínimos. ( ) Superior a 05 salários mínimos.

#### 3.1. Quantos veículos você possui?

( ) Um ( ) Nenhum ( ) Dois ( ) Três ou mais

**3.2. Possui computador com acesso à internet?**

- não possuo computador  
 possuo apenas um sem acesso à internet  
 possuo apenas um com acesso à internet  
 possuo computador e Wifi  
 possuo computador, tablete e celular com wifi

**4. Orientação sexual**

- Heterossexual  Não heterossexual

**5. Tempo de escolaridade da família:**

**Mãe**

- Não frequentou a escola  Ensino Fundamental completo  Ensino Fundamental incompleto  Ensino Médio completo  Ensino Médio incompleto  
 Ensino Superior completo  Ensino Superior incompleto.

Outro: \_\_\_\_\_

**Pai**

- Não frequentou a escola  Ensino Fundamental completo  Ensino Fundamental incompleto  Ensino Médio completo  Ensino Médio incompleto  
 Ensino Superior completo  Ensino Superior incompleto.

Outro: \_\_\_\_\_

**Outra pessoa que foi responsável por você**

Quem \_\_\_\_\_  Não frequentou a escola  Ensino Fundamental completo  Ensino Fundamental incompleto. Outra resposta \_\_\_\_\_

- Ensino Médio completo  Ensino Médio incompleto  Ensino Superior completo  
 Ensino Superior incompleto. Outra resposta \_\_\_\_\_

## EDUCAÇÃO E OCUPAÇÃO

**6.1. Atualmente você está trabalhando? (escolha apenas uma alternativa).**

- Sim  
 Não, por opção,  
 Não, porque estou desempregado.

**6.2 Especificidade da ocupação:**

- Autônomo  
 Com Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS assinada  
 Sem assinatura da CTPS  
 Empreendedor individual

**6.3 Caso esteja trabalhando, qual atividade você realiza?**

\_\_\_\_\_

**6.4 Caso você esteja trabalhando, quantas horas semanais você trabalha?**

- Sem jornada fixa, até 10 horas semanais.
- De 11 a 20 horas semanais.
- De 21 a 30 horas semanais.
- De 31 a 40 horas semanais.
- Mais de 40 horas semanais

**6.5 Com que idade você começou a trabalhar?** (Marque apenas uma resposta)

- Antes dos 14 anos.
- Entre 14 e 16 anos.
- Entre 17 e 18 anos.
- Após 18 anos.

**6.6. O fato de estudar: (escolha apenas uma alternativa)**

- Ajuda no trabalho
- Atrapalha no trabalho
- É indiferente
- Outra resposta \_\_\_\_\_

**6.7. Quais os aspectos negativos de estudar e trabalhar ao mesmo tempo?**

\_\_\_\_\_

**6.8. O que o estudo traz para sua vida profissional?**

\_\_\_\_\_

## IDEIAS ACERCA DA QUALIDADE DO ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

**7.1.** Para você, qual seria a **PRINCIPAL MUDANÇA** para melhorar a qualidade do Ensino Médio na escola pública. Considerar a resposta que melhor expressar a sua ideia sobre qualidade do Ensino Médio.

- Um ensino que seja significativo para a formação humana e profissional do aluno
- Uso de tecnologias com propósito pedagógico
- Garantir professores preparados e atuantes em sala de aula
- Melhorar na infraestrutura da escola
- Diversificar o formato do modelo de educação para que tenha um currículo mais atrativo.
- Preparar para o mercado de trabalho

**7.2. Ordene na lista abaixo quais seriam atualmente as maiores dificuldades na educação básica. Enumere de 1 a 8 a maior dificuldade.**

Desinteresse dos alunos do Ensino Médio nas disciplinas. Cite algumas:

\_\_\_\_\_

- Número limitado de períodos/ carga horária insuficiente
- Desconexão e falta de integração entre as disciplinas e o contexto atual
- Falta de formação específica dos professores em áreas específicas às quais exercem a docência
- Ausência de recursos digitais e novas metodologias nas aulas

- ( ) Resistência dos alunos do Ensino Médio ao formato de aulas oferecidas  
( ) Outras quais \_\_\_\_\_

## 8. DISPOSIÇÕES SOCIAIS E ORIENTAÇÕES POLÍTICAS

Com qual frequência você acompanha (lê, assiste, ouve) notícias sobre assuntos políticos? Sempre ( ), Às vezes ( ), Nunca ( ). Quais outros assuntos lhe despertam interesse? \_\_\_\_\_

**8.1.** Em uma escala, como você se posiciona sobre a afirmação “**peças do mesmo sexo têm direito de constituir família**” você:

- ( ) Discordo totalmente ( ) Concordo parcialmente ( ) Nem concordo, nem discordo  
( ) Concordo totalmente ( ) Discordo parcialmente  
Outra resposta \_\_\_\_\_

**8.2.** Como você se posiciona sobre a afirmação “**todas as peças devem ter garantidas a liberdade de expressão e de manifestação**” você:

- ( ) Discordo totalmente ( ) Concordo parcialmente ( ) Nem concordo, nem discordo  
( ) Concordo totalmente ( ) Discordo parcialmente.  
Outra resposta \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
**Assinatura**

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

1.	Qual a escolarização de seus avós maternos e paternos/ pai, mãe ou responsável por você? Qual era a profissão deles?
2.	Como foi sua infância, como foi sua primeira fase na escola?
3.	Como era você na sala de aula?
4.	Em casa, como você estudava?
5.	Como era a sua relação com a leitura? Na sua casa havia livros, jornais, revistas? Quais eram os meios de informação que vocês tinham?
6.	Os tios e tias maternos e paternos estudaram? Se formaram em alguma profissão?
7.	A sua família valorizava a escola? Como era o acompanhamento com as tarefas da escola? De quem você recebia auxílio?

- |     |  |
|-----|--|
| 8.  | Seus irmãos seguiram adiante nos estudos? São quantos? Irmãos e irmãs conseguiram se formar em alguma profissão?   |
| 9.  | Por que a escola é importante para você?   |
| 10. | Por que você resolveu estudar?   |
| 11. | O que faz na hora vaga da escola?  |
| 12. | Quais as suas opções de lazer?   |
| 13. | Quais disciplinas são mais interessantes para você?  |
| 14. | Quando você começou a trabalhar pela primeira vez? Em que você trabalhou? Já teve a Carteira de Trabalho assinada?   |
| 15. | Você tem esposo, companheiro ou namorado? Com quantos anos se casou e teve filhos?   |
| 16. | Você foi ou é incentivada pelo seu companheiro, filhos ou outros parentes para estudar?  |
| 17. | Como é sua rotina? Você levanta que horas?   |
| 18. | Na sala de aula, você tem alguma dificuldade de concentração?  |
| 19. | Quais dificuldades você encontra nas aulas? Consegue dar conta das tarefas? E, as avaliações, você se sai bem?   |
| 20. | Qual sua relação com os professores e os colegas?  |
| 21. | Você tem acesso à internet em casa e no celular? Você considera essa ferramenta importante para auxiliar você nas pesquisas escolares e informações sobre o cotidiano? |
| 22. | Tem alguma coisa que eu não perguntei e que você gostaria de falar? Do dia a dia, das suas estratégias de estudo?  |

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

Título do Projeto de Pesquisa: **“A Trajetória de Escolarização de Mulheres inseridas na Modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA”**

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Núbia Regina Moreira

Discente: Rosane Silva de Jesus

Nome:

Data de nascimento:

Município de residência:

Município de trabalho:
Telefones para contato:
e-mail:
Profissão: Ocupação:
Carga horária diária de trabalho fora de casa:
Carga horária diária com trabalho doméstico:
Horas diárias dedicadas aos estudos em casa:
Estado civil:
Profissão e ocupação do cônjuge ou companheiro (se houver):
Número de filhos:
Idade dos filhos:
Idade do companheiro ou cônjuge:
Você tem alguém que a ajude nos afazeres domésticos?
Em caso afirmativo, quem é essa pessoa?
Você é incentivada por alguém a continuar os estudos? Quem?
Em relação ao pertencimento étnico, você se autodeclara:
Você aceitaria ser entrevistada para colaborar com esta pesquisa?

**DADOS TABELADOS DO QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO APLICADO AOS ESTUDANTES HOMENS**

NOME	IDADE	RELIGIÃO	OCUPAÇÃO	CTPS ASSINA DA	NÍVEL DE RENDA	ESCOLARIDADE DA MÃE	ESCOLARIDADE DO PAI
VAGNER	19	Evangélico	Autônomo	NÃO	Até 1 salário Mínimo federal	Ensino médio completo	Ensino médio completo
ANTÔNIO 1	19	Evangélico-pentecostal	Autônomo	NÃO	Até 4 salários mínimo Federal	Ensino fundamental incompleto	Ensino médio completo
JOÃO	20	Católico	Motorista	NÃO	Até 2 salários mínimos federal	Ensino médio completo	Ensino médio incompleto
MA-THEUS	22	Evangélico-pentecostal	Design gráfico	SIM	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental completo	Não frequentou a escola



<b>THIAGO</b>	22	Católico	Vendedor	SIM	4 salários mínimos	Ensino médio completo	Ensino médio completo
<b>ELIOMAR</b>	21	Espírita	Autônomo	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino médio incompleto	Ensino médio incompleto
<b>VENDER-SON</b>	21	Evangélico	Almoxarife/ Vendedor	SIM	Até 2 as 3 salários mínimos federal	Ensino médio incompleto	Não frequentou a escola
<b>RAMON</b>	21	Evangélico	Desempregado	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino médio completo	Ensino médio completo
<b>VALTER</b>	21	Evangélico	Eletricista	NÃO	2 a 3 salários mínimos	Ensino Médio Completo	Ensino médio completo
<b>MIKAEL</b>	23	Evangélico-pentecostal	Office boy	SIM	Até 2 a 3 salários mínimo federal	Ensino médio completo	Ensino médio completo
<b>LUCAS</b>	23	Católico	Mecânico	NÃO	Até 2 a 3 salários mínimos federal	Ensino médio incompleto	Ensino médio incompleto
<b>ISMAEL</b>	23	Católico	Cabeleireiro	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino médio incompleto	Ensino médio incompleto
<b>EVAN-DRO 1</b>	23	Evangélico-pentecostal	Pedreiro	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental completo
<b>DARLAN</b>	23	Católico	Mecânico de automóveis	SIM	Até 2 salários mínimos federal	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
<b>IGOR</b>	23	Evangélico	Não trabalha	NÃO	Inferior a 1 salário mínimo	Ensino superior completo	Não frequentou a escola
<b>SAMUEL</b>	27	Evangélico	Barman	SIM	Até 2 salários mínimos federal	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
<b>EVAN-DRO 2</b>	33	Evangélico	Armador de construção civil	NÃO	Até 2 salários mínimos federal	Não frequentou a escola	Não frequentou a escola
<b>JOÃO</b>	36	Católico	Serviços gerais	SIM	1 salário mínimo	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
<b>ANTÔNIO 2</b>	59	Católico	Padeiro/ Confeiteiro	SIM	Até 2 a 3 salários mínimos federal	Não frequentou a escola	Não frequentou a escola

**RESULTADOS:**

**Faixa etária: 19 a 59 anos:** 84% entre os 19 e 30 anos e 16% estão na faixa dos 30 aos 60 anos

**Carteira de Trabalho e Previdência Social CTPS:** 42% com assinatura e 58% sem assinatura

**Renda mensal**

36,84% possui renda mensal de 1 salário mínimo

5,26% possui renda inferior a 1 salário mínimo

57,89% possui renda mensal acima de 2 salários mínimos

**Herança educacional dos pais**

3,57% ensino médio completo

21,05% ensino médio incompleto

5,26% ensino fundamental completo

15,78% ensino fundamental incompleto

26,31% não frequentou a escola

**Herança educacional das mães**

31,5% ensino médio completo

21,05% ensino médio incompleto

31,5% ensino fundamental incompleto

5,26% ensino superior completo

10,52% não frequentou a escola

**Religiosidade:** 36% são católicos; 58% são evangélicos pentecostais e 6% são espíritas.

**DADOS TABELADOS DO QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO APLICADO ÀS ESTUDANTES MULHERES**

NOME	IDADE	RELIGIÃO	OCUPAÇÃO	CTPS ASSINA DA	NÍVEL DE RENDA	ESCOLARIDADE DA MÃE	ESCOLARIDADE DO PAI
MARIA	19	Evangélico-pentecostal	Babá	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
CLEIDIANE	20	Evangélico-pentecostal	Não trabalha	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Não frequentou a escola
EUGÊNIA	21	Católica não praticante	Vendedora	SIM	Até 1 salário mínimo federal	Não frequentou a escola	Ensino médio incompleto
ADRIANA	21	Evangélico-pentecostal	Não trabalha	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Não frequentou a escola
DANIELA	22	Católica	Prestadora de serviço	SIM	2 a 3 salários mínimos	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
VANESSA	22	Evangélica	Vendedora	SIM	Até 1 salário mínimo federal	Ensino médio incompleto	Ensino superior completo

<b>JUSSIVANIA</b>	<b>22</b>	Católica	Faxineira	SIM	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Não frequentou a escola
<b>JULIANA</b>	<b>24</b>	Católica	Manicure	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
<b>SAMIRA</b>	<b>24</b>	Evangélico-pentecostal	Vendedora	SIM	2 a 3 salários mínimos	Ensino Médio Completo	Não informou
<b>FABIANA</b>	<b>25</b>	Cristã não praticante	Não trabalha	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Não frequentou a escola	Não frequentou a escola
<b>EDINILZA</b>	<b>26</b>	Católica não praticante	Técnica em enfermagem	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
<b>SILVANA</b>	<b>27</b>	Católica Praticante	Autônoma	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Não informou	Não informou
<b>ANTÔNIA</b>	<b>29</b>	Católica Praticante	Diarista	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
<b>CLEIDE</b>	<b>30</b>	Católica não praticante	Representante de Produtos de beleza e utensílios	SIM	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
<b>LILIANE</b>	<b>33</b>	Evangélico-pentecostal	Não trabalha	NÃO	2 a 3 salários mínimos	Não frequentou a escola	Não frequentou a escola
<b>VALDINÉLIA</b>	<b>35</b>	Não pertence a nenhuma	Autônoma	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental completo	Ensino fundamental completo
<b>JOSÉLIA</b>	<b>38</b>	Católica	Cuidadora de idosos	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Não frequentou a escola	Não frequentou a escola
<b>ZELIA</b>	<b>46</b>	Católica	Não informou	SIM	2 a 3 salários mínimos	Não frequentou a escola	Ensino fundamental completo
<b>ADAILDE</b>	<b>55</b>	Evangélico neopentecostal	Costureira	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Não frequentou a escola	Não frequentou a escola

**RESULTADOS:**

**Faixa etária: 19 a 55 anos:** 26% entre os 30 e 46 anos e 63% estão na faixa dos 20 aos 29 anos.

**Carteira de Trabalho e Previdência Social**

**CTPS**

36,84% com assinatura

63,15% sem assinatura

**Renda mensal**

78,94% possui renda mensal de 1 salário mínimo

21,05% possui renda mensal acima de 2 salários mínimos

**Herança educacional dos pais**

26% tem o ensino fundamental incompleto

37% dos pais não frequentou a escola

10% possui o ensino fundamental completo

10% não informou

5% fez o ensino médio incompleto

**Herança educacional das mães**

5% das mães não frequentou a escola

5% tem o ensino fundamental completo

48% com o ensino fundamental incompleto

5% com o ensino médio incompleto

32% não frequentou a escola

5% não informou

**Religiosidade**

42% são católicas; 5% são evangélicas

neopentecostais; 26% são evangélicas pentecostais

e 5% não informou.